

ANAL

JORNAL ABERTO

Fragmented text visible on the pages, including words like "HISTÓRIA", "CULTURA", and "SOCIEDADE".

J O R N A L A B E R T O

Antonio Manuel

Luciano Figueiredo

Anna Bella Geiger

Cildo Meireles

Gerald Thomas

Jorge Menna Barreto

Marco Veloso

Esta exposição foi pensada a partir de um desafio: assumir a curadoria de uma exposição temática sobre o jornal. Jamais havia cogitado trabalhar um dia como curador. Mas o desafio venceu e rendi-me à tentação de fazer o que me parece uma tarefa de grande dificuldade. Digo isto já que vivemos numa época na qual as coisas são mais e mais medidas pela representatividade que se afirma sustentá-las. Sabia desde o início que deveria evitar esta atitude e colocarme mais próximo do que eu mesmo penso e experimento.

Neste sentido, dois esclarecimentos são essenciais:

1. A mostra não pretende apresentar um discurso sobre o jornal. Não tenho qualquer definição do que seja a idéia de jornal.
2. Também não foi feito nenhum levantamento do que de arte em ou com jornal se tem feito entre nós. Assim, ainda que isto possa ter ocorrido como resultado, não foi meu desejo uma amostragem representativa dessa produção.

Trouxe para a mostra artistas que conheço a trajetória e cuja obra me dá a certeza de que têm o que dizer numa exposição na qual o jornal aparece como personagem principal. Por outro lado, minha escolha foi baseada exclusivamente em critérios artísticos, ainda que desconfie de critérios puristas. Certamente, diversos nomes ficaram de fora e outras escolhas poderão derivar de diferentes perspectivas. Fica, então, a tarefa para uma reedição do projeto.

Ainda que não possua qualquer definição quanto ao que seja o jornal ou quanto a seu papel no mundo contemporâneo, acredito ser uma percepção importante a de que, para nós brasileiros urbanos, o jornal está intimamente ligado à história recente do país. O jornal que esperamos abrir dia após dia é fruto do que resolvi denominar "jornalismo honesto". Não que seja esta a realidade geral de nosso jornalismo. Mas, é a partir deste ideal que a existência de um jornal é hoje em dia pensável. Digo isto por ter podido aprender que a história do jornal, nos últimos séculos, é a de uma grande heterogeneidade. A função deste veículo de comunicação nem sempre visou a notícia, a verdade da notícia e nem tampouco intervir no sentido de uma ampliação da consciência social e individual. Este é

um paradigma tão nosso que dificilmente nos damos conta disto. A partir deste contexto é que se deve observar o modo pelo qual nós artistas temos feito o jornal migrar para o campo da arte.

No entanto, os paradoxos da linguagem invadem meu raciocínio. Lembro de uma frase de Cildo Meireles na qual ele afirma que suas intervenções, nos anos 70, em contextos simbólicos como garrafas de refrigerante e jornais "não eram o objeto industrial posto em lugar da arte e sim o objeto de arte atuando como objeto industrial". Nômade seria, então, a arte. Este procedimento também pode ser detectado em diversos trabalhos de Antonio Manuel, para quem a intervenção no meio – em suas obras realizadas entre 1966 e 1973 – foi a ponto do próprio procedimento artístico tornar-se imperceptível frente à carga política ali depositada. Embora ela ali esteja com uma força inegável e singular. *Sucessão de anos, dias, horas (até que a imagem desapareça)*, assinala seu retorno à utilização do jornal, depois de quase 30 anos.

Chamo a atenção para os trabalhos de Luciano Figueiredo, salvo engano, o artista brasileiro que mais constantemente tem feito uso do jornal como suporte. Em seus trabalhos realizados desde os anos 70, a aparição de um meio tão carregado de significação como o papel jornal se dá num contexto formal abstrato, muitas vezes geométrico, produzindo um choque lírico no qual podemos perceber uma certa e estranha beleza, contemporânea da atmosfera moderna formada por experiências e sentimentos paradoxais.

Anna Bella Geiger – do mesmo modo que Antonio Manuel – está presente com um trabalho especialmente produzido por esta mostra. No seu caso, o jornal jamais havia aparecido como meio explícito da linguagem, ainda que em diversos momentos ela tenha trabalhado sobre impressos de diversas naturezas. O vasto e inesgotável experimentalismo de sua produção, sempre questionadora do contexto interno e externo da arte, levou-me à certeza da necessidade de sua presença na mostra.

Cildo Meireles com suas "inserções em circuitos ideológicos e antropológicos", já mencionadas, abriu um novo campo para a arte brasileira. Neste território, símbolo e realidade estão confundidos e criando uma força

poética, política, ética e cultural à qual devemos parte do que de melhor o reconhecimento internacional tem dado à arte brasileira.

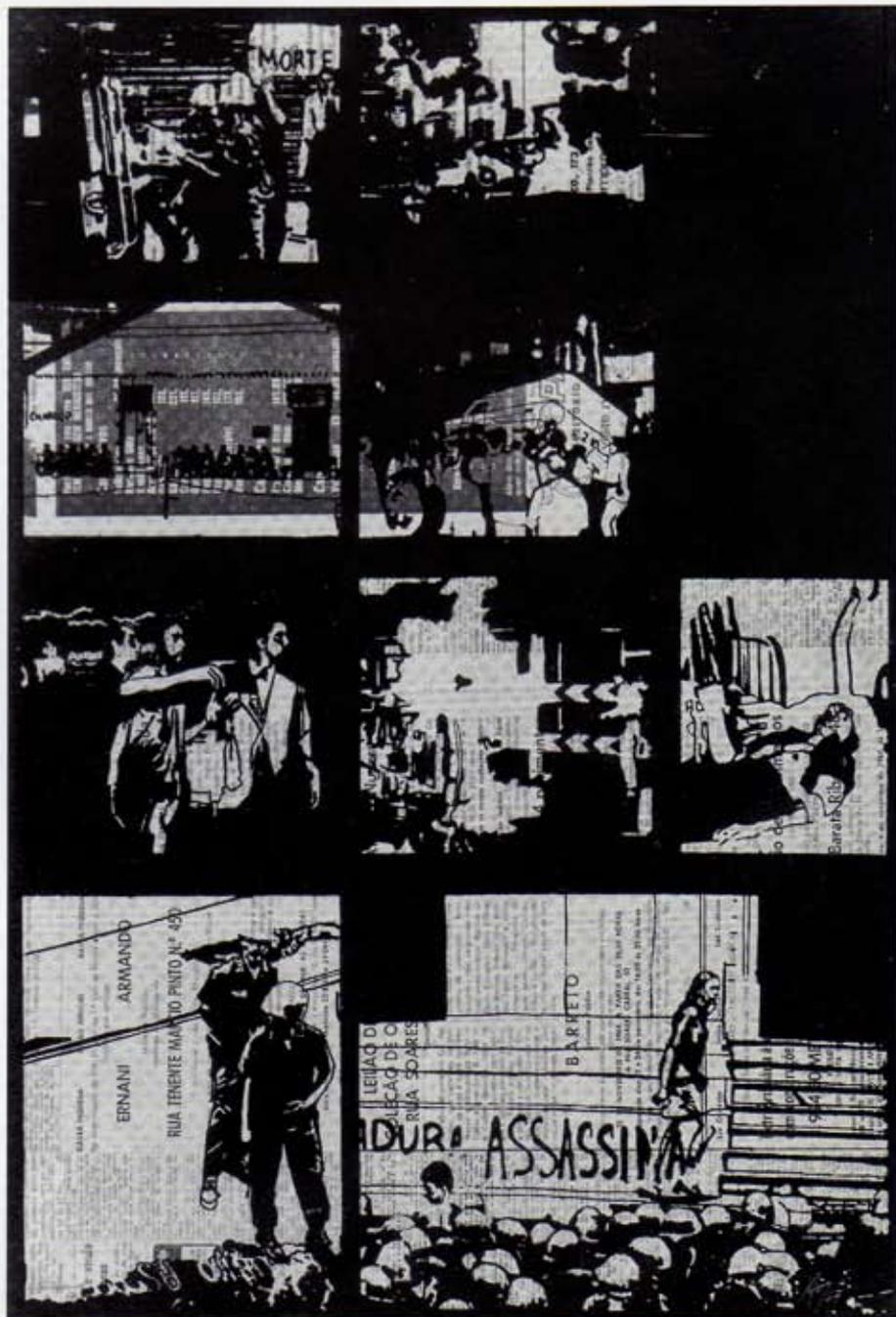
A presença de Gerald Thomas, um ótimo desenhista, neste grupo liga-se ao seu interesse pela indústria do jornal e ao fato de que, como todos os demais, seu importantíssimo trabalho de encenador tem no experimentalismo um traço predominante. Não conheço outro artista para quem a vida do jornal tenha uma importância tão decisiva.

Foi pensando em um artista jovem e de fora do Rio de Janeiro que resolvi incluir Jorge Menna Barreto, de Porto Alegre, no elenco desta mostra. Certa vez, Jorge enviou-me pelo correio dois pequenos paralelepípedos de cobre (fio derretido) nos quais as palavras "con" e "fio" estão esculpidas, separadamente, como que para serem impressas sobre um meio qualquer. Esta obra, parte de um projeto bem mais amplo, fez com que minha atenção se dirigisse em sua direção.

Minha participação como artista consiste numa homenagem ao escritor inglês de origem indiana Salman Rushdie, há dez anos perseguido por fundamentalistas islâmicos e que vive na clandestinidade desde que o regime iraniano do já desaparecido aiatolá Khomeini colocou sua cabeça a prêmio. Rushdie é autor do romance *Os versos satânicos*, tido como blasfêmia religiosa. Meu desenho *A suspensão do juízo*, de 1995, será publicado no dia da abertura da mostra no suplemento Riocultura da Gazeta Mercantil.

Jornal Aberto pretende um diálogo envolvendo o público, leitores e profissionais do jornalismo e o mundo da arte. Meu sentimento é o de que as fronteiras desta conversa extrapolam os limites de nossa própria atualidade histórica. Agradeço ao do Museu do Telephone/Telemar o espaço e o tempo para tal realização.

Marco Veloso Rio, 20 fevereiro 2000.



Jornal, 1968
crayon sobre jornal
58 x 38cm

“uma nova *mise-en-page*”

Começou pegando a folha de jornal e, na forma de incisivos comentários gráficos, como que berrava para todos ouvirem: aqui estão os fatos. Vamos enfrentá-los. Sempre trabalhou a quente, se necessário a machadadas. De preferência do lado de fora, na rua, no aterro, no parque: ‘urnas quentes’. Mas se era necessário percorrer por dentro o circuito de arte – galerias, museus, coleções particulares – não fazia por menos: ficou em pêlo diante da platéia cacarejante do *vernissage*. E assim, sem contribuir para a sacralização da obra de arte, foi criando, ele mesmo, os fatos: “homem nu no Museu”, berravam as manchetes do jornal. Ou melhor, fez da arte um fato jornalístico. Se o museu lhe fecha as portas, ameaçando transformar-se numa “casa de vidro”, não se faz de rogado: seu espaço são as 24 horas de um jornal. A obra circulando de mão em mão, nos trens da Central entre bancas e barracos, entre notícias e crises.

Retroagindo taticamente da página impressa ao *flan*, Antonio Manuel deu à arte uma nova *mise-en-page*, trazendo à terra Mondrian ou Malevich. Nada de metafísica ou purismos: fatos. Olháveis, palpáveis, cheiráveis. Não guilhotinar a realidade. Nem veladuras nem opacidades. Circular entre, dentro ou fora, não importa.
(...)

Frederico Morais

novembro de 1980

“Frutos do espaço:
a virtualidade da imagem”

in *Antonio Manuel*

Arte Brasileira Contemporânea
Funarte, Rio de Janeiro, 1984

Diorama compacto

“Luz, iluminação, sombras, reflexos, cor, todos esses objetos da pesquisa não são inteiramente reais; como fantasmas, só tem existência visual. Não estão, mesmo, senão no limiar da visão profana e comumente não são vistos (...)

O visível no sentido profano esquece suas premissas...”

M. Merleau-Ponty, *O olho e o espírito*

Luz e sombra, condições incorpóreas da visibilidade dos corpos, materializam-se em imagens a partir de gradações cromáticas entre os extremos branco e negro. Cristalizada no plano pictórico renascentista pela representação do volume, através do claro-escuro, ou pela apresentação planar, típica de várias vertentes do Modernismo; registrada em película fotossensível, caso da fotografia e do cinema, a objetivação de luz e trevas tornou-se central na obra de muitos artistas visuais.

Luciano Figueiredo encontrou na linguagem do cinema e do Neoconcretismo os fundamentos imaginários de sua obra, desde o início, há cerca de 25 anos, até os trabalhos que hoje, claramente, manifestam um paradoxo: como corporificar o que não tem corpo? como aprisionar a luz e as sombras? como tratá-las de modo diverso da pintura, preservando, entretanto, os procedimentos artesanais das artes plásticas, e, assimilar simultaneamente ao corpo do trabalho, a transparência das imagens de luz características do cinema?

Tecnicamente, a resposta parece estar numa via diversa daquelas da pintura e do cinema – uma tradicional, outra moderna; a primeira inseparável do objeto, posto que nasce da ação manual; a última uma projeção luminosa do mesmo, no espaço e no tempo.

A obra recente de Luciano surge da aglomeração de folhas de jornal e de quadrados de *voil* colados uns aos outros, intercaladamente. Possui, por isso mesmo, superfície e entranhas; uma única carne e pele que lhe assegura uma presença íntegra e enigmática, mas verdadeira.

Os trabalhos distinguem-se, pois, materialmente, de toda pintura, epidérmica porque distinta da tela ou do suporte ao qual se apõe, e, do cinema, fantasmagórico, uma vez que sua existência se dá fora do objeto do qual resulta.

Transparência e opacidade são aqui dados corpóreos, engendrados de dentro para fora das peças, e não efeitos de superfície emprestados pela tinta a um suporte neutro.

Diferentemente de outros artistas como, por exemplo, Antonio Manuel, que se apropriaram do jornal enquanto espaço gráfico de situações político-ideológicas, Luciano o assume, atualmente, como um mosaico aberto, um espaço modulado pela gráfica planar de alto contraste.

A natureza eminentemente corpórea das obras possibilita a intervenção real do corte e da dobra em sua carne, estabelecendo uma fina tensão com a racionalidade sugerida pela configuração geométrica das mesmas. Remetem-nas, nesse aspecto, aos Casulos, aos Bichos de Lygia Clark e à maleabilidade e transparência dos Parangolés de Hélio Oiticica. Esta referência genealógica ao Neoconcretismo serve antes, porém, à singularidade dos trabalhos, uma vez que todos os problemas espaciais suscitados decorrem da tentativa de materialização dos pressupostos imateriais da visão.

Ao penetrar em algumas camadas desse diorama compacto, a luz real revela-nos que a resistência opaca das sombras ao olhar é indispensável para seu exercício completo.

chiaroscuro sky, 1975
colagem com jornal
32 x 50cm cada prancha

Luciano Figueiredo



olhos plantados
nesta paisagem

colheita
de uma densa
devastação

céu chiaroscuro

moléstia dos media:
metodologia

tinta sobre frações
do fato
ficção

armar e derramar
a escrita em escalas:
o experimento

o medium em massas

necrológio de notícias
em vibrações do vidro

manufacturada flora
de filamentos

repórter do relevo
o negro
manchete do segredo

versão de Duda Machado

Luciano Figueiredo



Oráculo, 2000
acrílico sobre jornal e tecido
65 x 67 x 10cm

Anna Bella Geiger



UTILIDADES • OPORT. - NEG. • MÁQUINAS • MAT. • ENSINO E ARTES • SERV. PROF. • ANIMAIS - AGRIC. • DIVERSOS

Termos usados
Tel. 222-5568

Brilhanças Jóias
Tel. 243-6171

Brilhanças Jóias
Tel. 264-2945

Brilhanças -
Cantelas

Brilhanças
Jóias

Cantelas -
Moedas

Cantelas de
Obrigações

Domínium

Jóias Brilhanças
Tel. 243-7372

Antiquidades e
moedas

Antiquidades
moedas
Tel. 236-1219

Compre tudo
58-0121

Compre
tudo

Compre TV
Tel. 243-8719

OPORTUNIDADES
E NEGÓCIOS

Brilhanças Jóias
Tel. 243-6171

Brilhanças Jóias
Tel. 264-2945

Brilhanças -
Cantelas

Brilhanças
Jóias

Cantelas -
Moedas

Cantelas de
Obrigações

Domínium

Jóias Brilhanças
Tel. 243-7372

Antiquidades e
moedas

Antiquidades
moedas
Tel. 236-1219

Compre tudo
58-0121

Compre
tudo

Compre TV
Tel. 243-8719

OPORTUNIDADES
E NEGÓCIOS

OPORTUNIDADES
E NEGÓCIOS

OPORTUNIDADES
DIVERSAS

COMPUTADORES
Cidadão
Colaboradora de Tecnologia Digital

Internato em Petrópolis
Colégio São José

Super-Systek
Tel. 225-2245

MAQUINAS
E MATERIAIS

Matrizes para linotipe

Novo Inglês
ou alemão

ANIMAIS E
AGRICULTURA

Azulejos decorados

Area n.º 1

ENSINO
E ARTES

DIVERSOS

Edital de Citação

Gildo Meireles 70

SERVIÇOS
PROFISSIONAIS
DIVERSOS

Detetive
Jayme

Moldanças
228-7649

Reformas
Pinturas

BRINHEIRO,
MORTAIS E
CAUTELAS

BRINHEIRO,
MORTAIS E
CAUTELAS

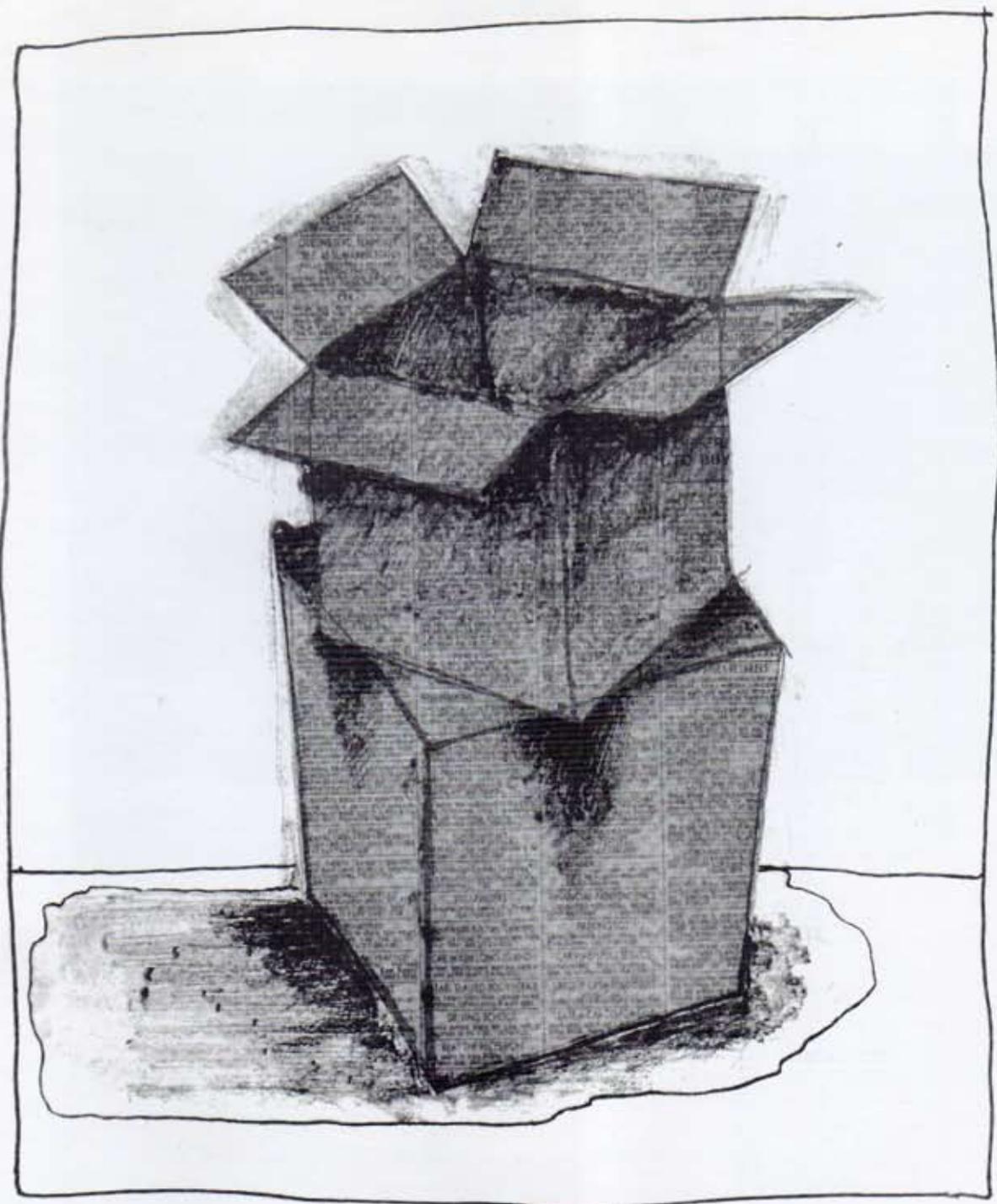
BRINHEIRO,
MORTAIS E
CAUTELAS

Gerald Thomas

Sem título, *Império das meias verdades*, 1994

colagem com jornal

21 x 29,7cm



Jorge Menna Barreto

Produção de realidade, 2000
performance-instalação

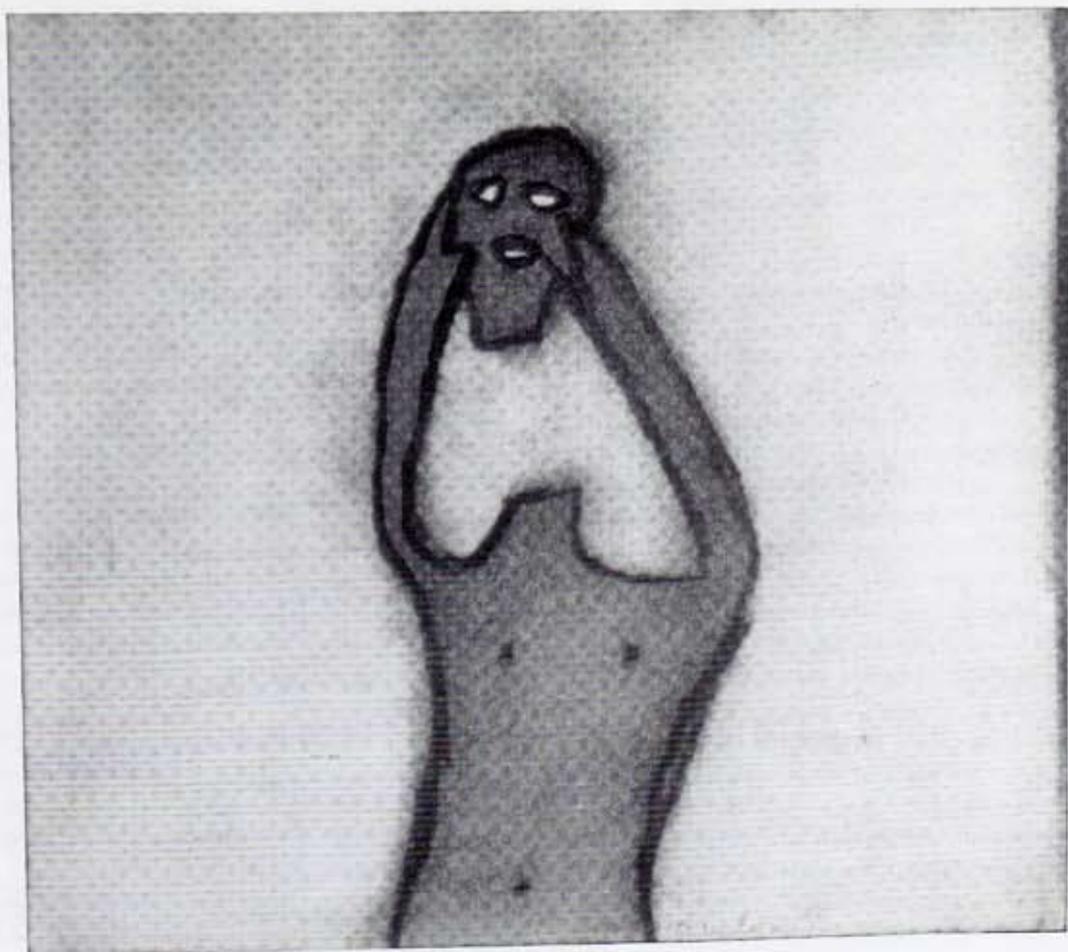


Marco Veloso

A suspensão do juízo, 1995

carvão sobre papel

13,5 x 14,4cm



LUCIANO FIGUEIREDO

Como um material como jornal opera num contexto abstrato ou mesmo geométrico para você?

Após o sentido utilitário e que é a leitura dos fatos do dia-a-dia, estabeleço uma relação lúdica e experimental com o jornal, pois a sua estrutura de mosaico com claros-escuros de retículas, fios, linhas, volumes, movimento e dobras de páginas me estimulam a explorar problemas sobre maleabilidade, rigidez e compressão espacial, quer resultem em construções geométricas, pictóricas ou poéticas.

Como você explica a frequência do jornal no seu trabalho?

Exploro o jornal há muitos anos e de diversas maneiras, de modo que quando penso que esgotam-se questões, logo surgem novos problemas e igualmente estimulantes.

Embora não seja um objeto artístico, o jornal é para mim um material carregado de valores espaciais, cromáticos e que tomo como fonte para exercício imaginário. Posso dizer que esta dinâmica de relações resulta na produção de "notícias" de outras ordens e significados.

ANNA BELLA GEIGER

Qual o lugar do jornal no novo trabalho que você está apresentando nesta exposição?

Este é um lugar análogo ao de outros trabalhos, mediado pela apropriação de uma organização alheia à minha vontade, fora da unidade formal de uma folha ou de uma tela. Aquela me traz muito o modo de agir de um certo automatismo psíquico. Por exemplo, em *Sélavy*, mesmo o acaso teve uma participação enorme. Ele tem o mesmo modo que eu utilizei em outros meios e suportes tais como naqueles trabalhos denominados Iniciações primárias, de 1974, onde o uso de cartilhas escolares – que iam até os exames de admissão do tipo Pedro II – também apresentavam uma diagramação e um texto pré-existent e alheios à minha vontade, apresentando suas próprias metáforas para eu decifrar e transformar num objeto de arte. O trabalho se inicia no meio do caminho.

Como este trabalho se relaciona com sua obra anterior?

De certa maneira, todo meu trabalho se relaciona entre si. A proposta de usar jornal tem a ver com uma exposição específica, mas a própria fragmentação que o jornal apresenta me interessa e sempre interessou, de modo semelhante ao uso que fiz nos trabalhos com cartilhas e atlas escolares, em que parte dos elementos já existia. O que eu chamo de acaso significativo é um dos elementos aos quais eu estou muito atenta em meu trabalho. Esta obra já estava na minha pauta, mas eu não tinha tomado a iniciativa de completar o projeto. Do ponto de vista do conteúdo, não é que esteja no campo da paródia, como em vários dos meus trabalhos anteriores, mas tem o mesmo tipo de ironia que a figura de Duchamp/Rose significa. Por outro lado, o jornal é onde se anunciam todos esses egos e personas. Inclusive, o acaso aconteceu durante a impressão de uma camuflagem/mapa, em meio a jornais de anúncios que são onde todas as personas manifestam/dissimulam seus desejos.

CILDO MEIRELES

O que são essas inserções em jornal?

Essas inserções em jornal são espaços classificados comprados como se faz usualmente. O jornal como veículo de arte. Na verdade, isto é quase um movimento ou uma tradição na arte. Eu penso nas "latas de fogo", do Hélio Oiticica, e nos jornais de 24 horas, do Yves Klein e do Antonio Manuel. Seria uma lista longa. A partir das inserções em circuitos ideológicos eu passei a ter uma visão mais crítica do meio: o que é veiculado pelos jornais, televisões e rádios é submetido a um grande controle. Eu aposto na idéia do *hand-made* atingir uma circulação bem maior. As inserções em jornal eram sempre uma concessão, enquanto as em circuitos ideológicos já são ocupações.

Como estes trabalhos em jornal se relacionam com o projeto das intervenções em circuitos ideológicos e antropológicos?

Na verdade, eu fiz três tipos de inserções: o primeiro, cronologicamente, o projeto *Classificados*, simples inserções em jornal, em 1970, embora pudessem ter sido em rádio ou televisão, por exemplo. Em seguida, também cronologicamente, foram as inserções em circuitos ideológicos, em fins de abril e início de maio de 1970 e, posteriormente, as em circuitos antropológicos – *Token*, por exemplo. As em jornal e em circuitos ideológicos têm uma aparente equivalência e esta é a questão central: o jornal, a televisão e o rádio, por exemplo, têm de fato um grande alcance, mas estão submetidos ao que na época eu chamei "um controle centralizado da informação", controla-se muito com muito poucos meios. Tudo o que passa por ali consiste em você desplugar ou não a antena... As inserções eram uma tentativa de criar uma perspectiva de expressão do indivíduo numa macro-estrutura.

GERALD THOMAS

Você é alguém bastante ligado ao dia-a-dia do jornal, seja através da leitura ou publicando seus textos. Qual importância esta intimidade com a difusão de informação e com o debate cultural e mesmo político tem na sua criação artística?

O jornal é o espelho de dois lados que a gente tem. São duas facetas narcisistas. Cada uma com o seu orgulho. Este espelho é uma fonte muito dinâmica de compreensão e distorção dos fatos. O jornal é uma utopia, uma mentira e, depois que Colombo inventou o mundo redondo, o ser humano voltou ao mundo achatado e retangular achando que aquelas 48 páginas iriam nos trazer ao mundo, mas, na verdade, elas só trazem algumas conspirações. Como o meu teatro é feito de conspirações e utopias, nada me influencia mais que a leitura diária do jornal.

Você é um artista muito preocupado com a relação entre as diversas artes e seu teatro sempre teve uma forte relação com as artes plásticas. Que lugar elas ocupam hoje nas suas reflexões estéticas e nas montagens mais recentes, como "Ventriloquist"?

Eu acho que o pensamento mais inteligente de toda a arte acontece hoje pelas artes plásticas. Eu posso chegar até ao exagero e dizer que a maior filosofia produzida neste século tem sido inspirada nos feitos de Malevich, Duchamp, Albers, Pollock, Beuys e Warhol. Se eu faço uma dramaturgia que acompanha a humanidade, não tenho como negligenciar as artes plásticas, que são a minha maior fonte de inspiração.

JORGE MENNA BARRETO

Qual o trabalho que você está preparando para a exposição?

O trabalho se chama *Produção de realidade*. Pretendo instalar um caldeirão e um fogareiro na sala de exposições do Museu, onde cozinho os principais jornais da cidade durante os dias em que estiver no Rio (13 a 18 de março). O produto desse cozimento é uma massa cinzenta e uma água turva que pretendo ir armazenando através dos dias...

Como esse trabalho se insere na sua trajetória?

Produção de realidade me deixa bastante animado pois provoca uma espécie de colapso da linha de pensamento que eu vinha fortalecendo há uns dois anos. Dentro desse espaço que se abre nessa operação, consigo reencontrar um frescor e um descontrole no pensar que me são muito bem-vindos. Tenho pensado sobre a falência da razão.

perguntas formuladas por Marco Veloso

Telemar

presidência

Manoel Horácio

vice-presidência de marketing

Juarez Queiroz

relações instituições

Gilda Pessoa

Museu do Telephone/Espaço Telemar

direção

Maria Arlete Gonçalves

exposições

Alberto Saraiva

assessoria de imprensa

Roberto Guimarães

programação

Edison Pinheiro

Karen Aguirre

estagiárias

Angélica Pimenta

Itala de Vasconcelos

iluminação

Ricardo Vianna

Exposição

curadoria

Marco Veloso

catálogo

fotografia

Lena Trindade, capa

Américo Vermelho, pp.4, 5, 8, 9, 10, 11 e 13

Vicente de Mello, p.7

Fábio del Re, p.12

projeto gráfico

Mameluco: Noni Geiger, Adriana Fuerth

17 de março a 16 de abril de 2000

rua Dois de Dezembro 63 Flamengo

Rio de Janeiro RJ 22220-040

tel.: [21] 556-1148

museut@telemar-rj.com.br



apoio cultural

RIOCULTURA

GAZETA MERCANTIL

